

A disciplina de “Arte e estética nas Relações Internacionais”: Movimentos teórico-práticos extracotidianos¹

The discipline of “Art and aesthetics in International Relations”: Extraquotidian theoretical-practical movements

Luan do Nascimento Silva*
Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann**

Resumo: Este artigo visa descrever o trajeto de construção da disciplina “Arte e Estética nas Relações Internacionais”, seus objetivos e como ocorreu a interação em sala de aula. Para tanto, iniciamos com uma discussão teórica sobre o papel da arte e da estética no ensino das Relações Internacionais e, em seguida, apresentamos a estruturação e o desenvolvimento do minicurso “Arte e Relações Internacionais”, que serviu de estímulo para o surgimento da disciplina. Por fim, abordaremos como se deu a disciplina, bem como a percepção dos estudantes sobre ela, para isso foi aplicado o modelo “aberto” de entrevista. Além disso, o presente texto está baseado na metodologia de pesquisa-ação – em particular na observação participante –, cuja investigação é instrumentalizada para compreender, desenvolver e aprimorar a prática; nesse caso, almeja-se aprimorar práticas pedagógicas alternativas no ensino das Relações Internacionais, fortalecendo a lógica de construção da paz por meio das artes.

Palavras-chave: Arte. Estética. Relações Internacionais.

Abstract: This article aims to describe the construction path of the discipline “Art and Aesthetics in International Relations”, its objectives and how the interaction occurred in the classroom. To this end, we begin with a theoretical discussion on the role of art and aesthetics in the teaching of International Relations and then we present the structuring and development of the mini-course “Art and International Relations”, which served as a stimulus for the

¹ Um dos autores contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (Código de Financiamento 001).

* Doutorando no Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IRI/PUC-Rio), mestre e bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Colaborador do Projeto Universidade em Ação (PUA).

** Doutor e mestre em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP), bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Professor da graduação e da pós-graduação em Relações Internacionais na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: prlkuhlmann@gmail.com.



This content is licensed under a Creative Commons attribution-type BY

emergence of the discipline. Finally, we will approach how the discipline took place, as well as the students' perception of it, for this the "open" interview model was applied. This text is based on the action research methodology - particularly on participant observation -, in which the investigation is instrumentalized to understand, develop and improve the practice; in this case, the goal is to improve alternative pedagogical practices in the teaching of International Relations, strengthening the logic of peacebuilding through the arts.

Keywords: Art. Aesthetics. International Relations.

Recebido em 31/03/2020. Aceito em 17/05/2021

Introdução

A disciplina² de "Arte e Estética nas Relações Internacionais" foi ministrada como disciplina optativa pela primeira vez no primeiro semestre de 2017, na graduação da Universidade Estadual da Paraíba, sendo novamente ofertada em 2018. Essa disciplina surgiu após ter sido ministrado o minicurso "Arte e Relações Internacionais: Suaves Interações num Duro Mundo", na "IV Semana Acadêmica de Relações Internacionais" da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

O objetivo do minicurso - que tem sido lecionado desde 2016, continuamente, na UFPB, e esporadicamente, na UEPB - é examinar o papel da arte em três processos da construção da paz: (i) comunicação emocional, (ii) reconciliação e (iii) emancipação. Esses três processos reivindicam engajamentos individuais e coletivos para substituir as dinâmicas de interações violentas por arranjos societários pacíficos, alicerçados no (re)conhecimento da humanidade do outro, bem como da própria humanidade. É, nesse sentido, que a arte é apresentada no minicurso como um instrumento de reconfiguração de relacionamentos conflituosos e de promoção da paz. Por sua vez, a disciplina teve como objetivo realizar, com os alunos e alunas, uma trajetória teórico-prática, buscando construir novas bases do saber e do interagir, a partir de visões estéticas. Aplicam-se, assim, noções de corpo e movimento com o intuito de alterar cristalizações físicas e mentais e, conseqüentemente, promover novas formas de visualizar o mundo e de buscar a sua transformação. Parte-se, portanto, da transformação individual e grupal, no âmbito acadêmico, para direcionar as práticas e movimentos que lidem com situações externas à universidade.

Portanto, este artigo põe em foco a literatura que evidencia o potencial da arte na construção de paz, e entre as principais referências estão John Paul Lederach (1995 e 2005), Michael Shank e Lisa Schirch (2008), assim como Richard Boon e Jane Plastow (2004) e também Augusto Boal (1991, 2005 e 2009), que partem de uma visão da arte como ferramenta para o empoderamento dos indivíduos. Boal, por exemplo, é amplamente trabalhado em contextos internacionais de conflito e pós-conflito, devido principalmente as ideias e práticas introduzidas pelo *Teatro do Oprimido* (1991). Outra obra fundamental desse autor para o presente trabalho é a *Estética do*

²É necessário informar que o termo "disciplina", embora muitas vezes seja utilizado para abordar campos de conhecimento específicos e de maior complexidade, nesse texto é também utilizado como sinônimo de "componente curricular", vinculado a algum curso de graduação ou pós-graduação.

Oprimido (2009), pois trata do papel da estética e do “sensível” na reconfiguração de relacionamentos conflituosos; nesse mesmo aspecto podemos mencionar o filósofo Jacques Rancière (2005). Ainda no que diz respeito à literatura sobre estética, política e relações internacionais, um de seus principais expoentes é Roland Bleiker (2009), que destaca o papel da estética nas práticas de representação da política internacional. As literaturas sobre estética e sobre a função social da arte, exploradas nessa pesquisa, convergem com a Teoria Crítica das Relações Internacionais, em particular com os Estudos Críticos de Segurança (ECS), mas não se distanciam também das dimensões dos Estudos para a Paz (EPP) no âmbito da Construção de Paz pela Base (*Peacebuilding from Below*), quando conectam a arte com a finalidade de expressar o pensamento de grupos marginalizados e em conflitos violentos, objetivando comunicar-se, identificar-se, perceber-se, e perceber o outro.

Este artigo tem por finalidade descrever o percurso teórico e prático executado em sala de aula; para tanto, parte-se de uma abordagem metodológica qualitativa que traz a pesquisa-ação como estratégia basilar para o desenvolvimento deste texto. Assim, a pesquisa-ação – que é apenas um dos tipos de investigação-ação – instrumentaliza técnicas de pesquisa para investigar formas de aprimoramento de determinada prática. Aqui, a observação participante, o modelo “aberto” de entrevista³ e o levantamento bibliográfico são os procedimentos básicos para a coleta de dados para a pesquisa; vale ressaltar que a pesquisa-ação é ocasionalmente taxada de atórica e “embora seja verdade que a teoria disciplinar tradicional não é prioridade principal, é, contudo, importante recorrer a ela para compreender as situações, planejar melhoras eficazes e explicar resultados” (TRIPP, 2005, p. 450).

Dessa maneira, o texto se divide em três seções: (1) O papel da estética no estudo das RI; (2) O minicurso como início; e (3) A disciplina de “Arte e Estética nas RI”. Na primeira seção é dado ênfase a uma revisão teórica sobre a estética no campo das Relações Internacionais e seu papel na formação internacionalista, enquanto a segunda e terceira seção possuem um caráter mais descritivo dos processos e etapas tanto do minicurso quanto da disciplina.

O papel da estética no estudo das Relações Internacionais

O alto grau de complexidade e interconexão do século XXI traz consigo demandas por novas habilidades profissionais, centradas na criatividade, no pensamento crítico, na solução de problemas, na colaboração e na comunicação. Nesse contexto, impõe-se a necessidade de renovação constante não apenas do conhecimento dos professores, mas também dos ambientes de ensino e de aprendizagem (DRI et al, 2017, p. 01-02).

É assim que Clarissa Dri, Graciela Pagliari, Iara Leite e Patrícia Arianti (2017) iniciam um artigo sobre experiências alternativas de ensino em Relações Internacionais. Nesse trabalho, as autoras tratam de experiências inovadoras vinculadas ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Destaquemos aqui as experiências promovidas

³Nessa entrevista foram realizadas duas perguntas: “O que foi positivo na disciplina?” e “O que pode ser melhorado na disciplina?”. A primeira pergunta tem por finalidade ressaltar as contribuições da disciplina no âmbito de ensino das RI, enquanto a segunda, em contrapartida, visa captar as críticas e as falhas da disciplina. Vale ressaltar que o modelo “aberto” permite capturar as experiências individuais e, a partir dessas experiências, é possível identificar aspectos gerais e comuns entre as respostas.

na disciplina optativa denominada de “Muros nas Relações Internacionais” e nos componentes curriculares obrigatórios “Economia Política Internacional” e “Política Externa Brasileira II”.

As experiências relatadas pelas autoras estão relacionadas às atividades realizadas para além da sala de aula, articulando teoria e prática com base no tripé educacional previsto no artigo 207 da Constituição Federal - ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 2016). Essas disciplinas requereram não só a discussão das literaturas específicas, mas também o envolvimento, de forma prática, dos estudantes com o local ao seu redor, quer seja para observar problemas ou para compartilhar conhecimentos (DRI et al, 2017).

Em outro artigo, Deisy Ventura e Clarissa Dri (2014) abordam a utilização das artes, em particular o teatro, nas estratégias educacionais para o ensino dos Direitos Humanos, essencial na formação acadêmica e cidadã do internacionalista. Para isso, as autoras informam sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), cujo artigo 43 trata das finalidades do ensino superior e afirmam o papel fundamental da cultura na produção de conhecimento. Logo, elas inferem que “a legislação vigente evidencia [...] que a educação superior possui objetivos bem mais ambiciosos do que a mera formação profissionalizante” (VENTURA; DRI, 2014, p. 139).

Uma das experiências descritas pelas autoras remete à organização de um sarau artístico, também na UFSC. Esse sarau é realizado na disciplina de Política Externa Brasileira II e tem como alvo o período da ditadura militar no Brasil (1964-1985). O sentido dessa atividade é conectar a política doméstica à política externa, evidenciar a influência das elites na definição da agenda de política externa brasileira na época, marcar a ascensão de novos atores e lembrar as atrocidades cometidas por esses governos. A partir disso, divididos em grupos de três, os estudantes têm um mês para organizar suas apresentações, podendo recorrer a diferentes formas de intervenção artística – teatro, poesia, música, dança, fotografia, etc. –, podendo ser autorais ou não.

Para Ramel (2018, p. 362), há pelo menos três lições a serem aprendidas sobre a utilização da arte no ensino das Relações Internacionais:

Primeiro, todos os gêneros de arte podem ser úteis na identificação de mudanças nas práticas internacionais, desde pinturas clássicas até histórias em quadrinhos. Em segundo lugar, as artes fornecem novos caminhos para desafiar mitos na história do pensamento internacional e explorar “a partilha do sensível” em nível global. Finalmente, a prática da criação artística – individualmente, de forma colaborativa ou em cooperação com artistas – é uma excelente estrutura para que os estudantes explorem e vivenciem o campo das relações internacionais criando seus próprios canais e ferramentas de expressão⁴.

O autor apresenta essas lições baseando-se em sua experiência na *SciencesPo Paris* (universidade de pesquisa internacional), mais especificamente na *Doctoral School* e na *Paris School of International Affairs*, onde ministrou aulas e utilizou de diferentes recursos artísticos para fortalecer os valores pedagógicos da abordagem estética (RAMEL, 2018). A abordagem estética no estudo da política internacional, baseada numa perspectiva pedagógica crítica, possibilita o desenvolvimento de capacidades analíticas nos estudantes de Relações Internacionais, ao viabilizar a identificação de práticas de representação na política mundial. Ou seja, essa abordagem viabiliza a identificação das práticas de representação que privilegiam uma estética dominante, engessada e estritamente racionalista, que oprimem estéticas alternativas para a concepção,

⁴Tradução dos autores.

compreensão e interpretação da realidade internacional, muitas vezes ignorada, ou não observada, pelas análises racionalistas (STEELE, 2016).

A abordagem estética, ao colocar os holofotes sobre as práticas de representação na política mundial, possibilita explorar a formação de representações comuns e incomuns, exclusivas e inclusivas, isto é, permite explorar a “partilha do sensível” que se dá no campo internacional. Essa partilha diz respeito à configuração e reconfiguração do espaço-tempo revelados pelas práticas de representação; aqui, as identidades ou “ocupações” dos diversos atores são essenciais para que sejam definidas suas posições na comunidade internacional – seja ela uma posição visível (comum) ou invisível (RANCIÈRE, 2005).

Rancière (2005) exemplifica com a Grécia Antiga e as formas de governança, que excluíam escravos e artesãos da vida política. O primeiro por identidade – não era visto como cidadão dentro das representações comuns da sociedade – e o segundo por “ocupação” – pois o tempo do artesão deve ser integralmente dedicado ao seu trabalho, logo, não cabia a ele ocupar o espaço político comum. Da mesma forma, percebe-se que a mesma lógica pode ser aplicada na comunidade internacional, onde a Divisão Internacional do Trabalho (DIT), bem como a divisão entre Ocidente e o não-Ocidente, influenciam na partilha do sensível no sistema internacional⁵. Portanto, a distribuição do sensível “define os limites, o núcleo, as práticas e as posições dentro de uma comunidade” (RAMEL, 2018, p. 366), seja ela local, nacional ou internacional.

Não obstante, a distribuição do sensível na política internacional, tende a marginalizar ou excluir atores não-estatais, assim como o estudo sobre diferentes níveis de análise, por não fazerem parte da estética tida como dominante. Em *Aesthetic Turn and World Politics* (2009), Roland Bleiker aponta o porquê da prevalência dos realismos como estética dominante nas teorias e práticas internacionais, referindo-se à propagação e constante repetição da linguagem realista:

Nós somos animais de rebanho. Muitas vezes tomamos o caminho de menor resistência linguística. [...] Nós facilmente esquecemos, por exemplo, que a linguagem do realismo só parece clara e realista porque nós adquirimos familiaridade com ela. Conceitos realistas abstratos como *realpolitik*, equilíbrio de poder, interesse nacional e dilema de segurança não são claros e inteligíveis por algum padrão objetivo, mas apenas porque foram ensaiados, repetidas vezes, como parte de um sistema de significados compartilhados que canaliza nosso pensamento em direções particulares. Mas esses conceitos refletem, de fato, todo um sistema de pensamento - um sistema que incorpora e ao mesmo tempo mascara uma série de juízos e pressupostos políticos inerentemente subjetivos (BLEIKER, 2009, p. 05 – tradução dos autores).

Na política internacional o que é representado como espaço e tempo comuns são, respectivamente, o Ocidente e a modernidade, que determinam quais práticas internacionais devem

⁵ Aqui, compreende-se o Ocidente como o autodenominado eixo central das produções em Relações Internacionais, tanto no campo prático quanto teórico (Ver: SMITH, 2000 e 2002). Nesse sentido, a DIT gira em torno das funções de cada ator no mercado internacional e que, conseqüentemente, põe em desvantagem países (não ocidentais) com menor envergadura político-econômica; ou seja, enquanto os países dominantes se voltam para o desenvolvimento industrial e tecnológico, os países do Sul Global são constrangidos a permanecerem como economias majoritariamente agrícolas, extrativistas, mineradoras, para abastecer o primeiro grupo de países com matérias-primas; fomenta-se assim uma repressiva lógica de deterioração dos termos de intercâmbio (Ver: PREBISCH, 2000). Essa segregação parte de práticas representacionais que constroem imagens de países “evoluídos”, destinados a ditar as regras e as práticas comuns do comércio internacional em detrimento de países considerados atrasados e estagnados, dependentes da assistência dos países dominantes (Ver: WALLERSTEIN, 1996).

ser normatizadas. Toma-se como exemplo os ataques terroristas de 11/09, cujas interpretações convencionais do evento estavam voltadas ao aspecto securitário do Estado-nação, embora o ataque tenha vindo de um ator não-estatal, sem forma ou local definido. Por outro lado, numa perspectiva estética, percebe-se que a falha não é somente na segurança nacional, mas também na compreensão do evento, pois sua relevância está no impacto sobre as representações de poder na política mundial. Isto é, há a simbologia de causar danos ao ator representado pelo Ocidente como o mais poderoso do mundo na época; há simbologia também em evidenciar que métodos racionais não foram suficientes para prever, prevenir ou conter os ataques; e há simbologia nos três alvos dos ataques: *World Trade Center*, Pentágono e Casa Branca, constituindo-se respectivamente como as representações do poder econômico, militar e político dos EUA (BLEIKER, 2009).

Por isso, a abordagem estética permite a identificação das “lacunas” de representação, destacando a diferença entre a representação e o que se pretende representar, entre o sujeito que percebe e o objeto/sujeito a ser percebido, entre o significante e o significado (BLEIKER, 2009). Essa abordagem permite, então, contestar e propor a subversão das formas de representação dominantes, substituindo-as por outros regimes estéticos. Nesse sentido, a arte em si não é política, mas o regime estético da arte que trata da configuração e reconfiguração da lógica representativa no espaço-tempo estabelece a relação entre a arte, a estética e a política (RANCIÈRE, 2010).

Indo um pouco além da representação, de acordo com Michael Shank e Lisa Schirch (2008), as artes – enquanto meios de comunicação e expressão exclusivamente humanas – podem se constituir como ferramentas únicas para a transformação social, pois elas possibilitam a transformação das formas de pensar, agir e interagir dos atores; conseqüentemente, podem ser estrategicamente instrumentalizadas para a transformação de conflitos e construção da paz. Além de alternativa, as estratégias artísticas são uma abordagem criativa e transcendente para o tratamento de conflitos, pois as experiências estéticas que envolvem as artes criam possibilidades de imaginar novas realidades, onde os indivíduos percebam que podem se relacionar de forma não-violenta (SHANK; SCHIRCH, 2008; LEDERACH, 2005).

Por isso, falar que as artes exercem um papel fundamental na transformação da realidade social é apontar a arte como essência da vida, significa considerar que a arte não é algo desprezível, e nem parte do que pode ser dispensável, como muitas vezes a cultura industrialista, cartesiana, e imediatista, à procura de “resultados”, quer nos direcionar. Portanto, ver a arte como expressão pura da alma, de viver outras vidas, de representar e de transmutar, simplesmente demonstram como a metamorfose providenciada pela metáfora fazem parte inerente do ser humano. Ser humano é metaforar, é viver outras vidas e criar outras realidades ainda na mesma vida.

As artes no campo da construção da paz, portanto, são adaptáveis a diferentes contextos, porque a estética nessa abordagem fortalece perspectivas intuitivas de ação, baseadas não só nas técnicas convencionais, mas nas experiências práticas, emocionais e sensíveis dos agentes envolvidos no processo de construção da paz, advindas inclusive de suas práticas e facilidades de expressão artística (LEDERACH, 2005). O teatro, por exemplo, demonstra essa adaptabilidade das artes em diferentes contextos, pois pode ser utilizado para tratar diferentes temas como DSTs, segurança alimentar, estereótipos violentos, gênero, antagonismos entre grupos e outras questões, a depender das necessidades (BOAL, 1991). Diante disso, Richard Boon e Jane Plastow (2004) exploram uma série de casos ao redor do mundo onde o teatro e outras formas de arte foram instrumentalizados para a construção da paz por meio do empoderamento de indivíduos em situação de forte opressão (BOON; PLASTOW, 2004).

Entre os casos relatados estão as iniciativas de Teatro para o Desenvolvimento (TfD)⁶, abordagem que é aplicada em diversas localidades ao redor do mundo e tem como base as concepções pedagógicas e artísticas dos brasileiros Paulo Freire e Augusto Boal, ou seja, o TfD está alicerçada na ideia de adaptabilidade – presente tanto na Pedagogia do Oprimido quanto no Teatro do Oprimido (T.O.) (KVAM, 2012; FREIRE, 1987; BOAL, 1991). Entre 1998 a 2001, no sul da Ásia (Nepal, Bangladesh, Índia, etc.), essa abordagem foi instrumentalizada por ONGs, ativistas sociais, agitadores culturais e por grupos da própria sociedade civil que estavam envolvidos com utilização da arte para a promoção do direito das crianças – grupo corriqueiramente oprimido nos países da região (BOON; PLASTOW, 2014). Como se percebe, o T.O. é uma metodologia amplamente propagada no mundo, por sua adaptabilidade a contextos de dominação e pelo conjunto de ferramentas que proporciona para a subversão das hierarquias sociais. Tem-se como exemplo a aplicação de tal metodologia também na América Latina, em países como Argentina, Peru e Brasil; nessa trajetória, Augusto Boal mergulhou nas diversas realidades sociais e buscou reunir experiências que corroborassem com o aprimoramento do T.O. (SOUSA, 2016).

Assim, a arte oferece os canais de comunicação estética – sendo os principais a imagem, o som e a palavra – que, quando negados a determinados grupos sociais os colocam em condição de oprimidos, mas que, quando recuperados, se caracterizam como os meios para a emancipação e empoderamento desses indivíduos, resgatando sua consciência corporal e sensível, tanto no âmbito individual quanto no coletivo (BOAL, 2009). Logo, a arte e a experiência estética exercem um papel fundamental nas práticas pedagógicas críticas, pois possibilitam que indivíduos oprimidos reconheçam sua condição de exclusão e marginalização, reivindicuem suas representações no espaço-tempo definido como comum e visível e, ainda, revelem as múltiplas facetas da realidade que os circunda. A partir disso, a seção subsequente será dedicada a compreensão do percurso da disciplina de “Arte e Estética nas Relações Internacionais”, abordando sua urgência, os seus conteúdos basilares, assim como os métodos de ensino e de avaliação.

O minicurso como início

Inicialmente, o minicurso foi realizado nos anos de 2015, 2016, 2017 e 2018. Entre 2015 e 2017, o minicurso foi ministrado anualmente na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) durante a “Semana Acadêmica de Relações Internacionais”, a partir de sua quarta edição. No ano de 2018 o minicurso foi desenvolvido em duas ocasiões: primeiramente na “Semana de Abertura do Semestre 2018.2”, evento realizado na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e, num segundo momento, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), como parte da programação do “III Encontro Brasileiro de Estudos para a Paz”.

O minicurso consiste em discussões teóricas e exercícios artísticos, isto é, além de explorar produções acadêmico-científicas, há o engajamento prático por meio das artes como forma de analisar e identificar o potencial da arte em impactar as pessoas. Essa abordagem de investigação-ação sobre as funções sociais da arte visa superar a lógica de produção de conhecimento meramente racionalista, incorporando aspectos sensíveis (corpo, emoção, valores) na compreensão de experiências violentas e pacíficas. Assim sendo, o minicurso esteve (entre 2015 e 2018) estruturado em dois blocos de conteúdo e era desenvolvido em dois turnos – geralmente em uma manhã e uma tarde ou em duas manhãs, conforme a programação de cada evento. O primeiro

⁶Do original em inglês: *Theatre for Development*. Referindo-se à aplicação do potencial comunicativo do teatro em iniciativas e projetos voltados para o desenvolvimento (KVAM, 2012).

bloco dá ênfase nos fundamentos teórico-práticos para a transformação de conflitos por meio das artes, enquanto o segundo bloco foca no desenvolvimento de estratégias artísticas aplicadas a contextos reais.

No primeiro bloco, inicialmente, apresenta-se um panorama da discussão teórica de como o âmbito local é importante na lógica da construção de paz e nos Estudos Críticos de Segurança, apontando-se o nível de análise dos grupos e dos indivíduos como passíveis de serem alvo da Segurança, em particular, da Segurança Mundial denominada por Ken Booth (2007), em contraposição à Segurança Internacional. Não importa onde, pois independentemente de fronteiras e responsabilizações políticas, se uma pessoa não estiver segura, nenhum de nós estará seguro. As fronteiras e os Estados não têm capacidade de isentar-nos de se preocupar e de agir para retirar as pessoas de situações de risco e dano (BOOTH, 2007).

Após uma discussão teórica, passa-se à visualização de um vídeo dos *Payasos Sin Fronteras*, ONG que se dedica a ir aos locais abalados por conflitos civis, guerras ou catástrofes, para levar o riso. Neste vídeo, fica denunciado que o show que queremos assistir, ou que queremos realizar, no mundo, também é responsabilidade nossa⁷, já que existem outras performances acontecendo, horripídeas, de destruição, guerras e autoritarismos. Em seguida, é apresentado um filme da Frédérique Lecomte, expondo como essa diretora de teatro trabalha em situações de conflito no Burundi, levando por meio da ONG *RCN Justice et Démocratie* o teatro como possibilidade de reconciliação das partes antes antagônicas⁸. Esses vídeos, portanto, expõem atuações artísticas que impactam o mundo, ou em regiões de catástrofes, ou em guerra civil, e que as artes são fundamentais, ou como alívio, ou como forma de reestruturação da vida e das relações entre grupos antes rivais.

Por conseguinte, são realizados exercícios corporais e teatrais como forma de aquecimento e entrosamento do grupo participante do minicurso; esses exercícios objetivam romper com a separação entre mente e corpo, pressuposto definidor da modernidade, muito comum na academia. Essa separação está fundamentada no racionalismo e na lógica do “Penso, logo existo” de Descartes, que implica na determinação de uma base única para a produção de conhecimento: a razão, ligada apenas à mente humana e às leis da natureza. Não obstante, o racionalismo apresenta problemas complexos, dois deles apontados por Steve Smith (1996): Primeiramente, o critério da razão estabelecido por Descartes é influenciado por sua formação matemática – em especial por seus trabalhos sobre geometria –, no entanto, a exatidão proposta é questionada até mesmo nos debates das ciências naturais; assim, quando transferida para as ciências sociais, essa lógica única de produção de conhecimento apresenta insuficiências na percepção de diversas fontes (sociais, religiosas, de gênero, etc.) de significação dos fatos. A distinção entre as ciências naturais e sociais, desse modo, revela o segundo problema apontado por Smith. Nas ciências naturais parte-se uma noção de mundo singular, onde os cientistas podem supostamente estudar a realidade “externa” de forma objetiva e neutra; enquanto isso, nas ciências sociais, as interpretações dos cientistas sobre o “mundo social” são influenciadas e influenciam na própria concepção de realidade (SMITH, 1996, p. 22-23).

Em seguida, no minicurso, ocorre a explanação sobre Augusto Boal e o Teatro Fórum, como técnica transformadora das opressões, linguagem metafórica e expressão dos oprimidos. Inicialmente, são feitos exercícios adaptados de Teatro Imagem, quando se dizem algumas palavras (“feminista”, “gay”, “estudante”, “velho”, “morador de rua”, dentre outras) e as pessoas

⁷ *Payasos sin Fronteras* (2007): <https://www.youtube.com/watch?v=8P4oPXP4p3w>

⁸ *Prix du Hainaut: Théâtre et Réconciliation* (2015): <https://www.youtube.com/watch?v=sLRgw04e87I>

expressam corporalmente a imagem que lhes vêm à cabeça, analisando as diferentes posturas corporais, analisando os estereótipos que temos em relação a cada palavra. Depois, os participantes se dividem em grupos, cada grupo se manifesta a respeito de diversos tipos de opressão – por exemplo, violência contra as mulheres, contra a população LGBTQI+, contra os jovens negros. Cada grupo representa teatralmente a cena vivida ou imaginada pelos integrantes, possibilitando no momento posterior a discussão sobre como transformar a realidade apresentada, reconstruindo-se performaticamente a história.

De acordo com Boal (2005, p. 242):

Teatro Fórum é uma espécie de luta ou jogo, e como todas as formas de jogo ou luta há regras. Elas podem ser modificadas, mas ainda existem, para garantir que todos os jogadores estão envolvidos no mesmo empreendimento, e para facilitar a geração de discussões sérias e frutíferas.

Esse modelo (Teatro Fórum) altera a lógica do teatro, onde existem atores, de um lado, e espectadores, passivos, do outro. Existe a “intenção de transformar o espectador em protagonista da ação teatral e, por meio dessa transformação, tentar mudar a sociedade em vez de se contentar em apenas interpretá-la” (BOAL, 2005, p. 253), sendo esse o cerne da abordagem de Boal para tratamento de conflitos por meio do teatro.

O segundo bloco do minicurso é dividido em quatro fases. Na primeira fase apresentam-se casos reais de conflitos, onde a arte foi utilizada para tratá-los. Entretanto, os casos são apresentados sem as suas soluções concretas; assim, os grupos têm de pensar formas artísticas de transformar os conflitos, de transcendê-los, tratá-los. Na segunda fase ocorre um treinamento no qual os grupos são incentivados a desenvolverem suas abordagens de forma autônoma, sendo auxiliados pelos ministrantes e monitores do minicurso na elaboração de suas próprias estratégias artísticas para os casos reais. Já a terceira fase consiste na apresentação das soluções desenvolvidas pelos grupos, alguns fazendo números artísticos, como se fossem parte de uma iniciativa civil, enquanto outros propõem soluções estruturais, como se fossem parte de algum órgão do governo. Ao final das apresentações, inicia-se a quarta fase, quando são expostas as soluções reais dos casos, possibilitando a comparação com as abordagens desenvolvidas pelos participantes e fomentando a discussão acerca de propostas alternativas no uso das artes para transformações sociais.

Todas as vezes, o desenvolvimento do minicurso foi muito intenso e o envolvimento dos alunos e alunas foi tanto que ocorreram pelo menos dois relevantes desdobramentos: (I) a ideia de realizar a disciplina, sugerida por uma estudante de Relações Internacionais da UFPB, ainda na segunda edição do minicurso, e a (II) a fundação do grupo de Teatro Político “Interna-só-na-mente” na UFPB, em 2017, como iniciativa de um grupo de participantes do minicurso e coordenado pela Professora Doutora Mariana Pimenta Oliveira Baccarini. Em entrevista com Milena (uma das estudantes que colaborou com a fundação do grupo), quando perguntada sobre o papel do minicurso para a iniciativa do Teatro Político, ela destacou:

[...] Quando eu fiz o primeiro minicurso de Arte e RI foi uma sensação libertadora, essa é a primeira palavra porque a gente sempre imagina que não pode fazer ou não tem a capacidade de fazer as coisas que a gente quer; ou que a gente não sabe as formas ou os instrumentos que a gente pode usar para mudar o que a gente quer mudar. Eu vi que o processo do minicurso me fez ter essa sensação de que realmente dá pra fazer alguma coisa e que temos a liberdade de tomar a nossa vontade como prioridade para fazer aquilo que a gente quer

fazer. [...] Eu acho que o minicurso abriu meus olhos, no sentido de que dá pra fazer, tem como fazer e não precisa de muito.

Percebe-se que o minicurso foi o estopim, não só para a criação do grupo de Teatro Político, mas também para o reconhecimento da própria estudante enquanto agente ativo e capaz de promover mudanças – quer seja no âmbito pessoal quanto social. Além disso, Milena retrata que o minicurso proporcionou a conexão entre o curso de Relações Internacionais e o teatro como estratégia para promover essas mudanças, destacando também que importantes valores foram transmitidos ao longo desse processo:

[...] era uma coisa que eu tinha muita dúvida, principalmente porque eu já tinha feito teatro antes e agora tinha escolhido a graduação em Relações Internacionais e eu não sabia se deveria fazer artes cênicas, daí eu vi que dá pra fazer os dois... não só dá como os dois se complementam. A gente pode reunir teatro e RI para atingir o objetivo, que eu acho que nós temos, de ajudar as pessoas e mudar algumas realidades, mesmo que não sejam mil pessoas, pelo menos a vida de alguém [...] a gente tenta [mudar].

[...] Agora, com o teatro político, eu vejo que realmente dá, teve muita coisa que foi mudada, a gente conseguiu melhorar a vida dos membros em vários sentidos e isso começou desde [o minicurso sobre] Arte e RI. [...] Assim, dentro do processo do minicurso eu vi que dá pra construir uma relação com a outra pessoa de confiança e de intimidade, essa questão do toque no corpo, por exemplo, gera confiança e respeito. Esse era o tipo de coisa que apesar de fazer teatro eu não tinha essa noção.

Esses valores transmitidos no minicurso, de acordo com a entrevistada, influenciaram não só na forma como o teatro político “Interna-só-na-mente” atua, mas principalmente como os seus membros interagem entre si e com a comunidade ao seu redor. Como destacado nos seguintes trechos:

[...] A gente pegou muito dessa ideia de consolidar o grupo e de criar respeito com o corpo do outro, [...] confiamos um no outro e nos tornamos uma família, já tentando puxar dessa ideia de respeito com o corpo, com o outro e com a realidade do outro, que foi passada no minicurso. [...] Então, virou uma coisa de outro patamar, conversamos sobre coisas da vida, saímos juntos; por conta do teatro a relação ultrapassou a academia.

Dessa forma, percebe-se que o minicurso aplicado durante eventos acadêmicos na UFPB não se restringiu a explorar discussões teóricas; ao invés disso, o impacto gerado reverberou em dimensões práticas, alterando comportamentos individuais e dinâmicas de relacionamento sociais. A partir disso, a sugestão de construir uma disciplina para fortalecer e aprofundar o debate sobre a arte e a estética nas Relações Internacionais foi analisada, planejada e implementada.

A disciplina de “Arte e Estética nas Relações Internacionais”

A disciplina de “Arte e Estética nas Relações Internacionais” – ofertada na graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) –, surge com a tendência de inovação nas práticas pedagógicas da área, inserindo novas temáticas, metodologias e perspectivas teóricas sobre a política internacional. Além disso, a proposta é coerente com a difusão

de conhecimento no campo dos Estudos para a Paz, fomentando lógicas alternativas e não-tradicionais para a transcendência dos conflitos.

Essa disciplina foi ministrada, até o momento, duas vezes. Em ambas as oportunidades, a disciplina foi inserida na grade como componente curricular optativo. Primeiramente, ela foi ofertada em 2016, no semestre 2016.2, com carga-horária de 30 horas-aula. Tendo em vista o bom rendimento e a repercussão positiva no departamento, a disciplina foi ofertada novamente em 2018, no semestre 2017.2⁹, com uma carga-horária maior, totalizando 60 horas-aula. Embora os pesos das cargas-horárias tenham sido diferentes, a estrutura disciplinar foi mantida. Nesse sentido, o conteúdo programático para a disciplina foi dividido em duas unidades didáticas (procedimento comum na UEPB). O conteúdo da primeira unidade foi (1) compreender a origem e a função da Arte, (2) apresentar a discussão sobre a Estética, desde uma concepção filosófica, (3) tratar da Estética de Si e do Cuidado de Si, (4) compreender a abordagem da Estética do Oprimido e (5) apreender a Virada Estética nas Relações Internacionais, enquanto o conteúdo da segunda unidade remeteu aos temas (6) movimento, emoção e razão, técnicas corporais, (7) arte e ação política, (8) arte como transformação de conflitos, (9) criação de cena.

Percebe-se que, de forma geral, a proposta foi apresentar a preocupação estética, do movimento e da arte como parte da vida plural (razão, emoção, pulsão), e também como alternativa possível às visões puramente racionalistas das Teorias de Relações Internacionais. Assim, além de propor discussões teóricas, foram realizados exercícios de movimento, criatividade e ludicidade como parte fundamental da transformação, da denúncia e da restauração de emoções e de relações, dentre outras possibilidades, considerando os níveis de análise (local, subnacional, estatal, regional, global).

As principais estratégias de ensino adotadas ao longo da disciplina foram: aulas expositivo-dialogadas, leitura e discussão de textos, seminários temáticos, exercícios corporais, além de outras estratégias que foram utilizadas conforme as necessidades, como o círculo de diálogo e a meditação. Vale destacar que a disposição estética da sala de aula também foi uma preocupação; por exemplo, as cadeiras eram organizadas em semicírculo nas aulas expositivas-dialogadas e em círculo nas discussões dos textos, facilitando a percepção da presença uns dos outros, evitando a exclusão ou distanciamento dos estudantes.

Essas metodologias de ensino são fundamentadas nas abordagens pedagógicas de Paulo Freire (1987) que, por meio de uma perspectiva dialógica, busca superar a estrutura hierárquica das instituições educacionais, superando a concepção “bancária” de educação, onde o papel do professor é depositar conhecimento, enquanto o papel do estudante é receber esse conhecimento. Propõe-se, dessa maneira, a promoção da lógica educador-educando e educando-educador, que realça o diálogo e o compartilhamento de conhecimentos entre eles.

Na obra *Pedagogia da Autonomia* (1996), desse notório autor, destaca-se que a educação não é unidirecional, ela requer a valorização não só do educador-educando, como também do educando-educador, incentivando-os a reflexão crítica ao invés de impor estruturas disciplinares alienantes e doutrinadoras. A profundidade dessa abordagem reconhece os valores estéticos e éticos do processo educacional e, também, questiona métodos estritamente técnicos, visto que isso “é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador” (FREIRE, 1996, p. 16).

⁹Em razão da greve dos docentes da UEPB em 2017, o semestre letivo 2017.2 se estendeu pelo ano de 2018.

Diante disso, a conexão entre a pedagogia e a estética fortalece novas práticas educacionais que visam renovar a relação entre estudantes e professores; essa conexão no ensino das Relações Internacionais favorece o desenvolvimento das capacidades críticas, reflexivas e analíticas dos estudantes, ainda mais quando no processo há a colaboração com artistas (RAMEL, 2018). Posto isto, devemos salientar que nas duas oportunidades em que a disciplina de “Arte e Estética nas RI” foi lecionada na UEPB, houve a colaboração com o artista e agitador cultural Dal Zapata, liderança do Centro de Referência da Juventude no bairro do Rangel (João Pessoa-PB, Brasil) que disponibilizou o espaço como laboratório para as intervenções artísticas-estéticas exigidas pela disciplina.

Outra colaboração com uma artista local ocorreu na segunda vez em que o componente curricular foi ofertado. Nesse caso, a artista visual Yasmin Formiga foi convidada para apresentar e explicar sobre seu trabalho, dialogando com os estudantes sobre o potencial das artes para a transformação social, em particular no âmbito do empoderamento e da emancipação das mulheres. No começo de 2018, um dos trabalhos de arte-ativismo da Yasmin Formiga teve grande repercussão nacional quando ela, por meio das redes sociais, impulsionou uma campanha contra uma música (do gênero funk) que estava em destaque nos principais veículos de reprodução musical, denunciando a apologia ao estupro presente na letra e reivindicando maior visibilidade na luta contra o feminicídio.

No que diz respeito aos recursos pedagógicos, podemos destacar o quadro branco, projetor, vídeos, documentários, filmes, livros didáticos e artigos científicos, além da utilização de diferentes ambientes (internos e externos) para a realização das atividades corporais. Ademais, a ementa desse componente curricular trazia um amplo leque de referências bibliográficas de caráter interdisciplinar, assim como sugestões de filmes, documentários e artigos da mídia. Quanto às formas de avaliação escolhidas, além da análise qualitativa das apresentações dos seminários temáticos, remeteram aos exercícios de união da teoria com a prática, projetos de atuação estética nas comunidades adjacentes ao campus da universidade, propositura de exercícios corporais por parte dos estudantes e performance em escolas e praças públicas (com relatório da respectiva atividade). Essa proposta de estratégias para a atuação comunitária dentro da disciplina corresponde ao que é definido como “virada local” nos Estudos para a Paz, perspectiva na qual se questiona as lógicas impositivas (*top-down*) de intervenção para a construção da paz, logo, estimula-se o desenvolvimento de abordagens dialogadas com e entre os atores locais (*bottom-up*) e que partam de suas necessidades e interesses, impulsionando a lógica de Construção de Paz pela Base (RICHMOND, 2007; LEDERACH, 1995).

Aqui, destacamos que ao final da disciplina em 2018 foram entrevistados onze (11) estudantes, baseando-se em perguntas “abertas”. Nesse sentido, foi elaborado um quadro com os pontos positivos sobre a disciplina de “Arte e Estética nas RI”, bem como apontamentos, críticas e sugestões, que são fundamentais para o fortalecimento e aprimoramento do componente curricular.

Quadro 1 – Síntese das entrevistas

Menções	O que foi positivo?	Menções	O que pode ser melhorado?
3	As práticas – Tanto na realização delas em sala de aula, quanto nas conexões com a teoria.	4	Realização de mais intervenções práticas e atividades ao ar livre.
6	A diversidade de abordagens teóricas e práticas, afastando-se das perspectivas tradicionais e demonstrando inovação.	1	Inserção na ementa de uma literatura mais lúdica.
4	A apresentação de alternativas para a transformação da realidade social em contextos de conflito.	1	Incluir na ementa instruções para a elaboração, execução e avaliação de projetos sociais.
3	O impacto na dimensão pessoal.	3	Acréscimo de um número maior de convidados.
6	A interatividade da aula e a construção da ideia de comunidade (integração entre estudantes, professor e convidados).	1	Apresentar uma diversidade maior de abordagens artísticas.

Fonte: Os autores.

No âmbito positivo da disciplina, os estudantes destacaram a fuga da visão tradicionalista de ensino e prática das relações internacionais, buscando incentivar a integração da turma por meio da participação e do pensamento comunitário. Essa lógica condiz com a abordagem freiriana adotada, que desconstrói a hierarquia na sala de aula e reconhece o estudante como ator ativo na produção de conhecimento. Por outro lado, embora um dos estudantes tenha relatado que “a disciplina serviu como um respiro de experiências dentro do cotidiano acadêmico”, boa parte dos entrevistados ainda sentem a necessidade de mais práticas e convidados na disciplina, como resultado do curso de graduação com um perfil mais acadêmico e que tem, conseqüentemente, uma carga elevada de conteúdo teórico, reduzindo o contato dos estudantes com as práticas e com agentes externos ao ambiente universitário.

Nesse mesmo sentido, uma estudante sugeriu que fossem incluídos “mais textos lúdicos” na ementa, perante a rigidez da literatura clássica do campo das Relações Internacionais. Outra estudante falou sobre a necessidade de inclusão na ementa de uma descrição de como elaborar projetos sociais, bem como apontar formas de execução e avaliação. Essa é uma das principais preocupações da construção estratégica da paz em projetos e programas que visam a transformação da realidade social, isto é, além de identificar o problema central, o público-alvo e o objetivo do projeto, tem-se que definir as metodologias e a mensagem a ser transmitida para esse público (o que se quer e como se quer comunicar), assim como devem ser estabelecidas formas de avaliação para correção e aprimoramento da abordagem utilizada (SHANK; SCHIRCH, 2008; SCHIRCH, 2004).

Assim sendo, a disciplina de “Arte e Estética nas RI” partiu de uma tendência de inovações nas práticas pedagógicas nesse campo de estudos e percorreu um longo trajeto, aprimorando-se de acordo com as experiências teóricas e práticas proporcionadas pela literatura específica, pelos exercícios corporais e pelo estreitamento das relações entre estudantes, colaboradores e discentes. Não obstante, a disciplina também se apresenta como um marco na educação para a paz, ao abordar estratégias artísticas e sensíveis para a transformação social.

Considerações finais

O gatilho para a construção e oferta da disciplina de “Arte e Estética nas Relações Internacionais” foi o minicurso “Arte e Relações Internacionais”, que buscou fomentar em eventos acadêmicos a discussão sobre o papel da arte na política internacional, com ênfase nos Estudos Críticos de Segurança, nos Estudos para a Paz e na Virada Estética das Relações Internacionais. Além disso, o desenvolvimento prático do minicurso proporcionou também aos participantes (estudantes, monitores e professor) a experiência estética e catártica que as artes produzem ao resgatar a conexão entre o corpo, a razão e a emoção.

Também como resultado do minicurso, estudantes do curso de bacharelado em Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba fundaram o grupo de teatro político “Interna-só-na-mente”, que utilizam do teatro como ferramenta para a discussão de questões político-sociais como depressão e intolerância religiosa. Esse tipo de iniciativa revela o potencial das artes em se propagar como uma alternativa estético-pedagógica que estimula o engajamento prático dos estudantes em diferentes áreas e temas das Relações Internacionais.

A virada estética nos estudos sobre a política mundial fundamentam análises sobre os “jogos” de representação política, contestando regimes estéticos dominantes que marginalizam e excluem percepções, interpretações e representações que não fazem parte do espaço-tempo tido como “comum” na partilha do sensível, isto é, a abordagem estética escancara as lacunas de representatividade na realidade social e propõe a subversão de lógicas hegemônicas e opressoras em diferentes níveis da política internacional (do local ao global).

No que diz respeito a disciplina de “Arte e Estética nas Relações Internacionais”, provocou-se a discussão sobre a Estética, desde uma concepção filosófica até a virada dentro da disciplina de RI, tratou também da origem e função da arte, seu papel questionador e sua capacidade de caracterização e transformação. A partir disso, os exercícios práticos que fizeram parte desse componente curricular estavam fundamentados teoricamente e envolveram a conscientização corporal, bem como o incentivo a expressão física e emocional dos estudantes. Ou seja, a disciplina proporcionou maior aprofundamento nas discussões sobre teorias e práticas internacionais, fortalecendo perspectivas de empoderamento e emancipação por meio das artes, que consequentemente constituem alternativas não-convencionais para a Construção da Paz pela Base.

A disciplina revelou também a necessidade de conexão dos estudantes com a prática, com a realidade exterior ao ambiente acadêmico e com seus próprios corpos, pois esses aspectos são muitas vezes excluídos ou desmembrados de sua formação profissional enquanto internacionalistas. Ademais, os estudantes apresentaram o interesse em estratégias alternativas e heterodoxas para a transformação da realidade social, para o tratamento de conflitos e para a construção da paz, tendo em vista o reconhecimento das insuficiências dos modelos tradicionais.

Referências

BLEIKER, R. **Aesthetic and World Politics**. Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Palgrave Macmillan, 2009.

BOAL, A. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.

BOAL, A. **Games for actors and non-actors**. 2ª Ed. Londres: Routledge/Taylor & Francis Group, 2005.

- BOAL, A. **Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BOON, R.; PLASTOW, J. **Theatre and empowerment: Community drama on the world stage**. Cambridge University Press, 2004.
- BOOTH, K. **Theory of World Security**. New York: Cambridge University Press, 2007.
- BRASIL. [Constituição (1998)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, 2016.
- BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 29 de março de 2020.
- DRI, C.; PAGLIARI, G.; LEITE, I.; ARANTI, P. Experiências alternativas de ensino em Relações Internacionais: experiências de simulações e contato com atores sociais locais desenvolvidas com graduandos da Universidade Federal de Santa Catarina. **Meridiano 47 – Journal of Global Studies**, Vol. 18, p. 01-17, 2017.
- FISCHER, E. **A necessidade da arte**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- FREIRE, P. **A Pedagogia do oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KVAM, H. Theater for Development – A Tanzanian Road Towards Citizenship and Cultural Renewal. **Journal of Urban Culture Research**, vol. 05, p. 44-52, 2012.
- LEDERACH, J. P. **Preparing for Peace: Conflict Transformation across Cultures**. Syracuse/New York: Syracuse University Press, 1995.
- LEDERACH, J. P. **The Moral Imagination: The Art and Soul of Building Peace**. New York: Oxford University Press, 2005.
- PREBISCH, R. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais. In: BIELSCHOWSKY, R. (Org.). **Cinquenta anos de pensamento na CEPAL**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Record/CEPAL, 2000, p. 69-136.
- RAMEL, F. Teaching International Relations through Arts: Some Lessons Learned. **International Studies Perspectives**, Vol. 19, Nº 04, p. 360-374, 2018.
- RANCIÈRE, J. Da partilha do sensível e das relações que estabelece entre política e estética. In: RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: Estética e política**. São Paulo: EXO experimental org., 2005, p. 15-26.
- RANCIÈRE, J. A Estética como Política. **Devires (Belo Horizonte)**, Vol. 7, Nº 2, p. 14-36, jul./dez. 2010.
- RICHMOND, O. Emancipatory forms of human security and liberal peacebuilding. **International Journal**, Vol. 62, Nº 3, p. 458-477, Summer/2007.
- SCHIRCH, L. **The Little Book of Strategic Peacebuilding: A vision and framework for peace with justice**. New York: Good Books, 2004.
- SHANK, M.; SCHIRCH, L. Strategic Arts-Based Peacebuilding. **Peace & Change**, Vol. 33, Nº 2, p. 217-242, 2008.

SHILLIAM, R. The perilous but unavoidable terrain of the non-West. In: SHILLIAM, Robbie (ed.). **International Relations non-Western Thought**. Routledge, New York, 2011.

SMITH, S. Positivism and Beyond. In SMITH, S.; BOOTH, K.; ZALEWSKI, M. (Eds.). **International theory: Positivism and Beyond**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 11-46.

SMITH, S. The discipline of international relations: still an American social science? **British Journal of Politics and International Relations**, vol. 2, n.3, p. 374-402, 2000.

SMITH, S. The United States and the discipline of International Relations: hegemonic country, hegemonic discipline. **International Studies Review**, vol. 4, n. 2, p. 67-85, 2002.

SOUSA, R. P. **O Teatro do Oprimido como instrumento de resgate da subjetividade do espectador: deslocamentos de uma Poética em trânsito**. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

STEELE, B. J. Recognising, and Realising, the Promise of The Aesthetic Turn. **Millennium: Journal of International Studies**, Vol. 45, Nº 02, p. 206-213, 2016.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: Uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, vol. 31, Nº 03, p. 443-466, 2005.

VENTURA, D.; DRI, C. O papel do teatro na formação em Relações Internacionais: experiências no campo dos Direitos Humanos. **Carta Internacional**, Vol. 09, Nº 02, p. 137-155, jul./dez. 2014.

WALLERSTEIN, I. The inter-state structure of the modern world-system. In: SMITH, S.; BOOTH, K.; ZALEWSKI, M. (eds.). **International Theory: positivism and beyond**. Cambridge University Press, 1996, p. 87-107.